





SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Direção Iracity Cardoso | Inês Bogéa

POLÍGONO REVISITADO | 2009, ESTREIA

coreografia de Alessio Silvestrin música de Johann Sebastian Bach (*Oferenda Musical BWV 1079*) revisitada por Het Collectief

PASSANOITE | 2009, ESTREIA

coreografia de Daniela Cardim músicas de André Mehmari (*Passanoite* e *Idílio*), Mário Manga (*Fade Out*), Hermelino Neder (*Undiu Dois*) e Marcelo Petraglia (*Ser Eterno*) interpretação Quintal Brasileiro

GNAWA | 2005

coreografia de Nacho Duato músicas de Hassan Hakmoun e Adam Rudolph ("Ma'BudAllah", Gift of the Gnawa), Juan Alberto Arteche e Javier Paxarino ("Carauri", Finis Africae), Rabih Abou-Khalil, Velez, Kusur e Sarkissian ("Window", Nafas)







ÍNDICE

digamos, Santa Rita do Passa Quatro	
por Antonio Prata	9
DOLÍCONO DEVICITADO	
POLÍGONO REVISITADO	47
Ficha técnica	17
Texto de apresentação	19
Coreografia e música	20
PASSANOITE	
Ficha técnica	25
Texto de apresentação	27
Passanoite por Daniela Cardim	29
Pontos de Luz <i>por Ronaldo Fraga</i>	31
Coreografia, música, figurinos e iluminação	32
GNAWA	
Ficha técnica	39
Texto de apresentação	40
Coreografia, música e remontagem	41
A Companhia	45
Direção, bailarinos e ensaiadores	50
Ficha técnica	62
Créditos institucionais	63



OS MOVIMENTOS, AS PALAVRAS E UMA CHALEIRA EM, DIGAMOS, SANTA RITA DO PASSA QUATRO por Antonio Prata

São onze e quinze da manhã. Numa sala da Oficina Cultural Oswald de Andrade, de parede espelhada, janelas compridas e chão de linóleo preto, quarenta e um bailarinos esperam, em silêncio, o início da música. Lá de fora vem o burburinho do Bom Retiro: o motor de um ônibus se mistura ao pio dos passarinhos, os gritos das crianças, na saída da escola, chegam junto às vozes dos pedestres e lojistas negociando tecidos, esfirras, roupas, burekas e folhinhas de zona azul.

Quando a primeira nota soar pelas caixas de som, os bailarinos começarão a ensaiar a coreografia *Passanoite*, de Daniela Cardim, na qual vêm trabalhando há semanas. Todo dia é assim, acordam cedo, pegam metrô, ônibus, carros e vão até a sede da companhia, onde passam seis horas dançando. São funcionários de uma OS, com holerite, polainas, INSS e sapatilhas, pagos para transformar ideias, histórias e emoções em movimento. É isso o que eles fazem da vida.

A maioria das pessoas no Brasil – e eu me incluo entre elas – não está acostumada a frequentar balés. Eis a missão da São Paulo Companhia de Dança: montar espetáculos clássicos, modernos e contemporâneos, que formarão um público capaz de fruir dessas ideias, histórias e emoções por trás – e por cima, por baixo e ao lado – dos movimentos.

Notas de piano soam pelas caixas de som e uma bailarina põe-se nas pontas dos pés, levantando minha primeira questão: por que se põem nas pontas dos pés, as bailarinas? Para ficarem mais altas? Mais finas? Será um exercício de equilíbrio e força? Diabos! É preciso entender uma imagem tão linda? Não basta que ela exista, longilínea e bela? Afinal, as imagens são lindas porque significam algo, não? A flor, exemplo mais banal da beleza, só nos toca por-

que é a arma que a planta inventou para, durante um breve período, convencer pássaros, insetos e rapazes apaixonados a espalharem seu pólen por aí. No dia seguinte, já era. Talvez seja isso: nas pontas dos pés, a bailarina tripudia do chão, da terra, desse mundinho chinfrim onde as flores murcham – e nós também. Ereta, ela nos ajuda a esquecer que somos mamíferos, vertebrados, primos não muito distantes das samambaias, trutas e tamanduás, e nos aproxima do céu, onde suspeitamos parentescos com deuses e alimentamos outras vagas esperanças. Sua ferramenta é o corpo, mas sua meta é perecer incorpórea? Por isso, diz aquela música: "procurando bem, todo mundo tem piolho, só a bailarina que não tem"?

Três bailarinos a cercam. Tocam-na, puxam-na, giram-na em seus braços, levantam suas pernas. Estarão cortejando a moça? Disputando-a? Ela se contorce no braço de um, parece entregue, mas ergue-se, cai nos braços de outro. A música é romântica. Como sei disso? Se não entendo nada de música, mas capto o significado da melodia, porque não compreendo a narrativa que me contam esses corpos? Antes de falarmos, nos movemos. Antes mesmo de distinguirmos as imagens borradas que nos entram pelas retinas, buscamos o peito com a boca, as mãos, a cabeça, o pescoço. Dentro do útero, somos só movimento, água morna e movimento.

Dois bailarinos saem do palco. Ela fica só com um. Sei, pela minha experiência, que quando muitos homens estão em torno de uma mulher e depois ela sai com apenas um deles é porque ele foi o escolhido. Assim é com os pretendentes, nos contos de fada, assim era nas festas da adolescência. Agora, homem e mulher dançam juntos. É isso. Estou assistindo a uma história de amor. Bastava ter prestado atenção ao título: *Passanoite*. Claro!

Ou não?! A música muda. Suspense? A bailarina deita-se no chão. Não parece nada contente, embora eu não tenha percebido briga alguma. Que movimento de pernas, tronco ou quadril fez com que os dois se desentendessem? Ela se encolhe. Isso eu entendo, está triste. Ninguém se encolhe de felicidade. Posso não saber nada de dança, mas movo-me, usando os mesmos membros, tronco e cabeça que esses bailarinos. Quando sofro, encasulo-me. Quando

estou tenso, contraio os músculos das costas. Quando rio, chacoalho o corpo. Comemoro gols dando saltos e socos no ar. Não será a partir desse alfabeto comum de gestos que a dança se compõe, assim como a poesia constrói-se com as mesmas palavras que usamos para comprar roupas ou uma folhinha de Zona Azul? Quem só usa as palavras para tarefas como comprar roupas ou uma folhinha de Zona Azul, contudo, terá dificuldade de entender "mundo mundo vasto mundo/ se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução/ Mundo mundo vasto mundo,/ mais vasto é meu coração". E, se o gesto é a palavra da dança, estou perdido, porque o poeta faz o que quer com a palavra, ele a espreme, a vira do avesso, mete a mão dentro dela e tira de lá significados insuspeitos. Quem sabe Daniela Cardim não fez a bailarina encolher-se justamente para mostrar que estava contente?

Agora, dois bailarinos estão em cena. Um deles rodopia, outro rodopia atrás, com um pequeno atraso. Tudo o que um faz, o outro imita. Será a rima da dança? E, se a rima é uma espécie de afinidade, serão dois amigos, ali, brincando? Essa também é uma maneira de passar a noite, afinal. Quem sabe, são aqueles pretendentes desprezados pela donzela, que decidiram divertirse, sozinhos? Seria o espetáculo sobre vários eventos durante uma noite?

Talvez seja uma rima, mas não uma solução, pois ocorre-me que pode não haver narrativa alguma, tanto na cena como no espetáculo. E se for apenas movimento? Se os dois bailarinos girando juntos forem como duas pedras jogadas num lago, com suas ondulações consecutivas e paralelas? Como o vento movendo as folhas nas copas das árvores? Precisa haver enredo para o movimento? O universo não se expande por vaidade ou cobiça. Um rio não corre porque esteja bravo, ou eufórico. Não há fúria nem pressa nas cataratas do Iguaçu. Elas não são o clímax na epopeia de uma gota d'água, que se iniciou no vapor de uma chaleira em, digamos, Santa Rita do Passa Quatro: é só movimento, e é belo, tanto é que, todo ano, milhares de pessoas viajam quilômetros, só para contemplar o espetáculo.

Não. Há sempre uma narrativa. Mesmo não havendo enredo nenhum nas cataratas do Iguaçu, cada um projeta ali uma história. Há quem veja nas

quedas-d'água a violência da natureza, há quem enxergue a harmonia nos arco-íris que se formam. Há quem fique calmo diante do estrondo, como se o jorro calasse seus próprios ruídos, há quem volte correndo para o ônibus da excursão, com medo de atirar-se do despenhadeiro.

Sou trazido do despenhadeiro para o Bom Retiro pelos aplausos. O ensaio terminou. Os dançarinos saem da sala, deixando-me só com a bailarina nas pontas dos pés, tripudiando da morte, uma moça sendo cortejada por três rapazes, amigos desprezados, brincando de rimar, uma mulher triste, encolhida no chão, pedras atiradas num lago, uma chaleira em, digamos, Santa Rita do Passa Quatro, centenas de turistas japoneses, nas cataratas do Iguaçu, Drummond sentado num canto e os ruídos do bairro, entrando pelas janelas. Não vejo a hora de conhecer a coreógrafa e descobrir o quanto minha experiência divergiu de suas intenções.

Mais tarde, Daniela Cardim me conta que não pensa em enredo nenhum, quando cria um espetáculo. Imagina a coreografia inspirada pela música, apenas. A plateia que veja ali o que bem entender. Sem dúvida, se eu entendesse mais do assunto, veria muito mais coisas. Veria citações de outros coreógrafos, sotaques de outros países, pegaria, no meio de um salto, uma crítica irônica a determinada escola, depreenderia uma visão de mundo duma guinada de quadril, mas tudo bem. A São Paulo Companhia de Dança está apenas começando, tem quase dois anos de existência – *Passanoite* é o oitavo espetáculo, *Polígono* foi o primeiro e *Gnawa*, o sexto. Nós, o público, não precisamos nos afobar. A cada passo daqueles quarenta e um bailarinos, vamos aprender a enxergar mais ideias, histórias e emoções por trás – e por baixo, por cima e ao lado – dos movimentos. Que bom. Afinal de contas, é isso o que fazemos da vida, é isso o que nos diferencia das samambaias, das trutas e dos tamanduás: contemplamos os movimentos à nossa volta e damos sentidos a eles. Que venha o primeiro acorde.









POLÍGONO REVISITADO

Criação para a São Paulo Companhia de Dança: 2008, Caraguatatuba (versão revisitada: 2009, Teatro Alfa, São Paulo)

coreografia, direção e concepção cênica Alessio Silvestrin

música

Johann Sebastian Bach *Oferenda Musical*, BWV 1079 revisitado por Het Collectief

intérpretes

Het Collectief | músicos:

Thomas Dieltjens (piano, organeto, cravo); Wibert Aerts (violino); Toon Fret (flauta, flauta baixo, flauta em Sol, piccolo); Benjamin Dieltjens (clarinete, clarone); e Martijn Vink (violoncelo)

cenário e figurino Alessio Silvestrin

iluminação

Wagner Freire e Alessio Silvestrin

realização do cenário e figurino Estúdio Malagueta

assistência de direção Maurício de Oliveira bailarinos

Aline Campos, Ammanda Rosa, Ana Paula Camargo, Artemis Bastos, Duda Braz, Fabiana Ikehara ou Williene Sampaio, Irupé Sarmiento, Luiza Lopes, Paula Penachio, Renata Bardazzi, Thaís de Assis, Thamiris Prata, Alexandre Cardoso, Ed Louzardo ou Guilherme Maciel, Raphael Panta ou Flávio Everton, Felipe Antunes, Milton Coatti, Rafael Gomes, Samuel Kavalerski, Sören Magnus, Yoshi Suzuki

ensaiadores

Daniela Stasi e Lars van Cauwenbergh

confecção de figurino Arte & Cia

assistente de figurino Marina Baeder

assistente de cenografia Bruno Anselmo

construção cenográfica DMV Serviços e Montagens

projeção Reality Projeções



POLÍGONO REVISITADO

A São Paulo Companhia de Dança se propõe a trabalhar, com um olhar atual, o repertório da dança num espectro amplo, que vai do século XIX à atualidade. A primeira obra criada para a Companhia, *Polígono*, do italiano Alessio Silvestrin, vem ao encontro desse projeto. Silvestrin elaborou a dramaturgia da cena a partir da *Oferenda Musical* de Johann Sebastian Bach, exemplificando nos movimentos a estrutura da música e unindo a técnica clássica à linguagem contemporânea. Bach compusera a *Oferenda* em resposta a um complexo desafio proposto pelo Rei da Prússia, e essa resposta se mostra inesgotavelmente rica, com surpreendentes desenvolvimentos do tema central em movimentos assentados sobre o uso do contraponto. Assim como na construção da música, a criação coreográfica elabora motivos que são enunciados e retomados pelos muitos corpos dançantes, em tempos e configurações variadas.

Polígonos são formas geométricas de igual número de lados e ângulos – traços que se encaminham para diferentes direções e cujo encontro delimita um corpo regular e coeso. Na partitura coreográfica, um mesmo material temático se apresenta de distintas maneiras, em desenvolvimentos a um só tempo dissonantes e complementares. *Polígono* toma o corpo como um ponto sobre uma superfície plana, que se multiplica e gera figuras geométricas. Tal como a música pode ser pensada como a materialização de uma ideia que prescinde da articulação de vocábulos, a dança em *Polígono* não segue um roteiro descritivo e chega a falar de propriedades discretas e contínuas da dinâmica humana.

Polígono criado em 2008 é agora revisitado. Dos 60 minutos iniciais, a obra está mais enxuta, com 30 minutos, e suas partes se articulam por contrastes mais claros. Início e fim dialogam como antes, porém, o meio aumenta o ritmo multifacetado da obra: duos cortam a cena e são interrompidos por luzes que se apagam ou painéis que os ocultam. O Allegro é cortado pela Fuga Canônica, na qual o tempo é suspenso e se completa na figura do fundo da cena.

Rever é também reinventar uma obra que se constrói no movimento.

CONCEPÇÃO CÊNICA, DIREÇÃO E COREOGRAFIA



ALESSIO SILVESTRIN nasceu em 1973, em Vicenza, Itália. Formou-se pela Académie de Danse Princesse Grace em Monte Carlo e estudou também na École Atelier Rudra Béjart, em Lausanne, Suíça. Já atuou como bailarino e coreógrafo nas companhias de Maurice Béjart, Copenhagen International Ballet, Balé da Ópera Nacional de Lyon, sob direção de Yorgos Loukos, e Balé de Frankfurt, sob direcão de William Forsythe, em cuja companhia atua hoje como bailarino convidado. É também músico formado pelo conservatório Arrigo Pedrollo, em Vicenza, e pela Académie de Musique Ranier III, de Monte Carlo. Integrou o grupo de compositores de orientação tricordal, movimento encabeçado pelo maestro Francesco Valdambrini. Desde 2003 reside no Japão como artista independente, criando coreografias, vídeos e música. Entre os seus trabalhos: dirigiu, coreografou e dançou Bluebeard's Doors, criação cênica sobre o ato operístico de Bela Bartók, no Aichi Arts Center de Nagoya; dançou com o ator de teatro nô Reijiro Tsumura Ritrovare/Derivare na Bienal de Veneza; foi convidado, como único bailarino, para a instalação de William Forsythe Additive Inverse, apresentada em Tóquio na abertura de obra do arquiteto Tadao Ando, e apresentou seu vídeo Mikrokosmos no Ycam Yamaguchi Center for Arts and Media.

MÚSICA

| [Oferenda Musical, BWV 1079, de JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750) revisitada pelo *ensemble* HET COLLECTIEF].

A peça de Bach fora composta como uma resposta ao desafio lançado por Federico II no momento em que este inaugurava seu pianoforte. A obra é uma sofisticada composição em seis vozes, baseada em construções contrapontísticas. Para a execução desta peça musical, o grupo belga Het Collectief atentou, por um lado, à notação instrumentalmente inconclusa e indistinta da peça bachiana, usando as lacunas como um desafio para recriar esse clássico sem lhe alterar uma nota sequer. Por outro lado, graças à ampla liberdade de ordem oferecida pela partitura, o grupo optou por uma construção simétrica com duas ricercari nos extremos e a sonata como movimento central. Com essa peculiar disposição de movimentos somada a uma instrumentação atualizada, o Het Collectief trouxe novas sonoridades para a *Oferenda Musical* de Bach.



Formado por Benjamim Dieltjens (clarinete, clarone), Martijn Vink (violoncelo), Toon Fret (flauta, flauta baixo, flauta em Sol, piccolo), Wilbert Aerts (violino) e Thomas Dieltjens (piano, organeto, cravo, piano Fender Rhodes), (foto ao lado, da esquerda para direita), o Het Collectief é um ensemble de repertório abrangente – executam de peças barrocas a obras dodeca-fônicas modernas.



oto: sara







PASSANOITE

Criação para a São Paulo Companhia de Dança: 2009, Teatro Alfa, São Paulo

coreografia Daniela Cardim

músicas

Passanoite | André Mehmari

Fade Out | Mário Manga

Undiu Dois | Hermelino Neder

Idílio | André Mehmari

Ser Eterno | Marcelo Petraglia

interpretação Quintal Brasileiro formação: Luiz Amato e Esdras Rodrigues (violinos); Emerson de Biaggi (viola); Fabrício Leandro Rodrigues (violoncelo) – nesta apresentação, em substituição a Adriana Holtz; Ney Vasconcelos (contrabaixo)

figurinos Ronaldo Fraga

iluminação Domingos Quintiliano bailarinos

Passanoite | Aline Campos, Ammanda Rosa, Amanda Soares, Renata Bardazzi, Yoshi Suzuki ou Rafael Gomes, Flávio Everton ou Rodolfo Saraiva, Vitor Rocha, Ed Louzardo

Fade Out | Luiza Lopes, Vitor Rocha, Flávio Everton ou Rodolfo Saraiva, Ed Louzardo

Undiu Dois | Samuel Kavalerski, Ammanda Rosa, Renata Bardazzi, Amanda Soares, Yoshi Suzuki e Flávio Everton ou Rafael Gomes e Rodolfo Saraiva, Vitor Rocha e Ed Louzardo

Idílio | Yoshi Suzuki e Flávio Everton ou Rafael Gomes e Rodolfo Saraiva

Ser Eterno | Todos | Pas de deux: Aline Campos e Samuel Kavalerski

ensaiadores Daniela Stasi e Lars van Cauwenbergh



PASSANOITE

A obra que Daniela Cardim coreografou especialmente para a São Paulo Companhia de Dança, *Passanoite*, traz a marca dessa jovem artista, que tem se revelado como coreógrafa no exterior – em especial na Holanda, onde atua como bailarina do Het Nationale Ballet há uma década – e agora também no Brasil. Fiel à tradição que tem em George Balanchine uma de suas maiores referências históricas, esta peça coreográfica não narra um enredo mas se baseia inteiramente nas músicas sobre as quais foi criada. A evidente musicalidade da obra não se limita às figuras rítmicas e às camadas melódicas das peças interpretadas pelo grupo Quintal Brasileiro: *Passanoite* procura fazer em movimentos corporais o que a música faz com a tradição – assim como o rigor erudito revela sutis arrojos na construção musical, a coreografia de Cardim revela um delicado uso da técnica clássica sob o olhar contemporâneo.

Baseada em puro movimento, a obra estabelece na compreensão física da música a dramaturgia da cena: os duos, trios, quartetos e grupos foram elaborados para dialogar com a obra musical de maneira ao mesmo tempo rigorosa e aberta a interpretações. As vozes musicais têm seu correspondente em movimento, assim como as passagens de sonoridade mais rarefeita geram uma dança de eloquência mais sutil e atmosfera mais introspectiva. Cardim cria suas coreografias sob inspiração sonora, os movimentos ocupam a cena de maneira a um só tempo leve e intensa, com pronunciada plasticidade. Os vazios e os preenchimentos da cena no espaço nu da caixa cênica constituem outro elemento marcante nesta peça, em que grande parte do repertório de movimentos e posições é originário da técnica clássica, mas sua semântica é reescrita nos detalhes gestuais, nos impulsos e usos do solo que, juntamente com os deslocamentos no foco da cena, atualizam a tradição.

Daniela Cardim extraiu o título da obra do nome dado por André Mehmari a um movimento de uma de suas composições. Para a coreógrafa, a palavra remete a um momento de recolhimento, de entrada em um estado diferente da agitação diurna. Pode estar relacionado a um estado onírico, mas também a um estado meditativo, como que submerso noutra realidade. Passanoite se relaciona com isso: os corpos se inscrevem no espaço como palavras de um poema, que fala de guestões que estão no tempo e fora dele. A iluminação complementa a obra criando espaços que multiplicam o sentido das proposições coreográficas e concorre para ressaltar, em alguns momentos com grande veemência, a atmosfera contemplativa que Cardim extrai das escolhas musicais. À maneira de seu mestre moderno Balanchine, Daniela Cardim cria com plasticidade, mas sem encerrar as possibilidades de interpretação. De outro gênio admirado, o coreógrafo holandês Hans van Manen, Daniela admira a musicalidade, a simplicidade e a elegância. A sequir, palavras da artista sobre sua trajetória e esta criação.



PASSANOITE por Daniela Cardim

Dentro e fora dos palcos | Comecei minha formação em dança aos oito anos, com Eliana Karin, no Rio de Janeiro, que me acompanhou até os 18 anos. Tendo dançado por dois anos no Kirov, além de outros tantos em diversas companhias europeias, e com um grande conhecimento da técnica de Vaganova, Eliana Karin foi fundamental na minha carreira. Ela não só acompanhou toda minha formação, mas também desde o início me incentivou a estar em cena o máximo de tempo.

Gosto de papéis em que a interpretação seja um aspecto importante. Deu-me muita satisfação executar personagens expressivos, como a Carabosse de A Bela Adormecida, que foi marcante para mim especialmente na versão remontada por Sir Peter Wright, ou Lady Capulet, mãe de Julieta. Nesses papéis exercito a expressividade para além da dança. Tenho uma preocupação incessante de ir além do conhecido, o que talvez tenha me levado à criação coreográfica.

Considero que estou agora no final da minha carreira como bailarina, dançando no Het Nationale Ballet. Coreografo há cinco anos. O Het promove oficinas coreográficas com os bailarinos, e foi ali que começou a tomar fôlego essa nova forma de atuar na dança. Não que eu tenha passado a ter menos prazer em dançar, mas meu entusiasmo passou a se dirigir muito mais para a criação coreográfica do que para a presença no palco. Até porque os trabalhos do repertório se alternam entre aqueles que o bailarino gosta mais ou menos de dançar, ao passo que a experiência de criar o movimento se alimenta de nossos interesses profundos, nossa essência. Essa expressão criativa também existe na dança, na interpretação, mas está presente de modo muito mais radical na coreografia. Além disso, é fascinante poder trabalhar não apenas com seu próprio corpo, mas também com outros. Essa é outra descoberta que me proporciona o processo de criação.

Processo de criação: o corpo | É claro que tenho ideias que levo para orientar a peça, mas o processo é sempre influenciado pelo que percebo de melhor em cada bailarino. Concebo o movimento, mas a particularidade de cada obra é dada por essa atenção às qualidades particulares dos intérpretes envolvidos. Costumo começar com pas de deux, porque considero que duos são uma forma de conhecer

mais profundamente cada intérprete e não há como vir com algo acabado, deve-se prestar atenção ao gesto do outro e não impor minuciosamente o movimento; nesse momento inicial, gosto de simplesmente indicar caminhos e perceber o que acontece no embate da sala de ensaio. Depois disso é que, mais ciente das características de cada um, passo a trabalhar o movimento individualmente.

Processo de criação: a música | A música é sempre o ponto de partida das minhas coreografias. Jamais imponho arbitrariamente o movimento a um ambiente sonoro. Costumo ir a bibliotecas, pesquisar peças musicais que às vezes só vou utilizar anos depois. A música é a referência central nas minhas criações, ela orienta a estrutura do balé, o tamanho do elenco, as formações de cada momento, enfim, toda a obra é determinada pela música. Venho de uma família muito musical, minha avó era professora de piano, meu pai, guitarrista, e apesar de eu não ter tido uma formação na área tenho um ouvido muito atento – admiram-me obras que tenham essa preocupação, acredito no diálogo estreito entre som e movimento. Eu comparo meu processo de criação ao de um compositor que cria certa melodia e depois lhe acrescenta a letra – parto de indicações dadas pela música para escrever com os corpos, esculpir formas que ocupem a cena e traduzam no espaço a poesia sonora. Quero encontrar a harmonia entre as linhas, os movimentos e a música.

Sobre o palco e Passanoite | O ambiente da cena também se subordina ao todo: não tenho sempre idéias precisas previamente concebidas sobre cada peça que crio. Mas isso pode acontecer quando a música e a coreografia dão indicações muito fortes para ignorar. Em Passanoite, por exemplo, eu havia pensado inicialmente em espaços delimitados pela luz, criando campos para cada bailarino ou grupo. Questões técnicas, porém, podem mudar os planos e esses imprevistos podem ser problemas ou surpresas que despertam a criatividade e enriquecem a obra. Noutro momento, ainda nesta criação, certa música me sugere um amanhecer, um crescendo muito sutil da luminosidade do dia – esta é uma passagem mais etérea da dramaturgia de Passanoite, em que o público precisa ser tocado pelo enlevo da cena. Obter com a devida precisão esse efeito é um desafio, mas é uma indicação que sinto que a própria obra traz. É assim que crio, atentando às partes que caminham na mesma direção para compor uma unidade coesa e bela.

PONTOS DE LUZ por Ronaldo Fraga

Sempre fiz moda pensando em figurino. O princípio da criação de um figurino para a moda e para a dança é basicamente o mesmo. Quando penso em uma coleção de moda, penso no enredo, no cenário, na coreografia dos modelos na passarela. Meu trabalho não é preso a uma tendência ou estação. O que vale é a história que queremos contar naquele momento.

Na dança eu preciso ver como essa coreografia se organiza, se esse trabalho é um clássico ou não, uma obra de alto impacto ou não, para analisar até onde o meu recorte estratégico pode ir. Na minha coleção de moda eu sou o autor: defino a coreografia, a trilha, os figurinos. Já no balé, isso não acontece. Temos o coreógrafo que direciona a intenção. Minha função é criar algo que ajude a ilustrar a coreografia. O figurino não pode aparecer mais do que o balé, mas deve evidenciar a obra. É um exercício de generosidade, um desprendimento. O que existe é um trabalho em equipe que passa pelo corpo do bailarino a serviço da ideia do coreógrafo e consequentemente do figurino.

O figurino de *Passanoite* é gráfico, etéreo, bem humorado, sensual – afinal estamos falando de noite –, e totalmente inspirado na emoção que a coreografia me provocou. O corpo dos figurinos é um macacão de suplex com uma base de poliamida sobre uma saia de tule com recorte a *laser*, o que dá um efeito de renda. Esse corte a laser se repete no corpo. A diferença de três texturas (*lycra*, poliamida e tule) é uma sutileza fundamental.

A ideia é que cada bailarino se transforme em um ponto de luz no palco; e isso se revela na roupa por meio de um pequeno detalhe na cor. Foi a forma que escolhi para preservar a individualidade de cada integrante. Cada um é uma cor, um pingo, uma luz transformadora. Isso aliado à forma e aos recortes, revelam o tom da pele em contraste com a cor do figurino. Ainda, nas pernas, existem recortes sobre meias como se a pele fosse colorida. A valorização desses recortes e o movimento dessas pernas no ar deixam na retina de quem vê a imagem de um ponto de cor, de luz.

COREOGRAFIA



DANIELA CARDIM nasceu no Rio de Janeiro, em 1974, e estudou no Ballet Eliana Karin. Em 1994 ingressou no Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde dançou como solista por cinco anos. Criada no mesmo ano de ingresso no Municipal, Yu Lin, sua primeira coreografia, ganhou o quarto prêmio na XI Mostra de Novos coreógrafos no Rio de Janeiro. Em 1999 passou a integrar o Het Nationale Ballet (em Amsterdã, Holanda) onde é atualmente coriphee. Em 2003 fez sua primeira coreografia na Holanda, para o workshop coreográfico do Het Nationale Ballet, do qual participou também nos dois anos seguintes. Em 2006, em edição especial do evento, o diretor Ted Bradsen convidou quatro coreógrafos para criarem peças com produção custeada. Daniela então coreografou Três Movimentos para Cello e Piano, obra para seis bailarinos. Em 2007 fez seu primeiro pas de deux oficialmente para a companhia. Zaahir foi criado para um concerto da orquestra Holland Symfonia e dançado no Concertgebouw, maior sala de concertos de Amsterdã. A obra foi depois incorporada ao repertório da companhia e apresentada em outras ocasiões. Cardim foi selecionada pelo New York Choreographic Institute, afiliado ao New York City Ballet e dirigido por Peter Martins, para coreografar para a School of American Ballet. Neste projeto, realizado em fevereiro de 2008, trabalhou sobre peça original de Jude Vaclavik, compositor formado pela Juilliard School. Em junho de 2008 fez parte do programa In Space do Het Nationale Ballet, trabalhando em colaboração com outros três jovens coreógrafos. Sua mais recente criação na Holanda estreou no programa *Nieuwlichters* do Het Nationale Ballet, apresentado em abril de 2009.

MÚSICA

| QUINTAL BRASILEIRO é um quinteto de cordas cuja proposta é diluir as fronteiras entre a música instrumental brasileira e a música erudita. O grupo, formado por musicistas que atuam em importantes orquestras nacionais, interpreta um repertório que evidencia uma abrangente pesquisa dedicada à produção brasileira contemporânea e que contempla compositores como

Luiz Amato, Mané Silveira, Fabio Tagliaferri, Teco Cardoso, Ney Vasconcelos, Newton Carneiro e Mozar Terra, além de André Mehmari, Mário Manga, Hermelino Neder e Marcelo Petraglia, autores das músicas do espetáculo. A formação camerística do ensemble conta com instrumentistas de vasta formação e relevante atuação na cena musical: o violinista paulistano Luiz Amato, ex-spalla da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e da Amazonas Filarmônica, é atual professor e diretor artístico da Orquestra de Câmara da Universidade Estadual Paulista (Unesp); Esdras Rodrigues, violinista que participou de grupos como Boston Early Music e o ALEA III – Contemporary Ensemble, hoje atua como professor na Unicamp (SP); o violista Emerson de Biaggi, professor de viola e música de câmara no Instituto de Artes da Unicamp, participa ativamente de festivais de música no Brasil e no exterior; Ney Vasconcelos, contrabaixista natural do Ceará, participou da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, entre outras, e hoje integra o naipe de contrabaixos da Osesp; e a violoncelista Adriana Holtz, também integra da Orguestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), depois de passagens pela Orquestra Experimental de Repertório, Jazz Sinfônica e Orquestra de Câmara Villa Lobos, entre outras. Nessas apresentações, por uma questão de agenda, Adriana é substituída pelo violoncelista campineiro Fabrício Leandro Rodrigues, que é membro da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo e primeiro violoncelo da Camerata Fukuda. O instrumentista venceu o concurso de jovens solistas da Orguestra Experimental de Repertório e também participou da turnê da Orquestra Jovem Mundial Jeunesses Musicals (2002/2003). Atualmente é professor de violoncelo do projeto social Futurong. (email para contato: lamato@terra.com.br)

Da esqueda para a direita: Esdras Rodrigues, Ney Vasconcellos, Adriana Holtz, Luiz Amato, Emerson de Biaggi

COMPOSIÇÃO



ANDRÉ MEHMARI, pianista, arranjador, compositor e multi-instrumentista, é autor de composições e arranjos para algumas das formações orquestrais e câmera mais expressivas do país, como Osesp, Quinteto Villa-Lobos, Orquestra Sinfônica Brasileira. Tem produção intensa e importantes parcerias nas músicas popular e erudita.



| HERMELINO NEDER é professor e músico ligado ao movimento Vanguarda Paulista. Compôs diversas trilhas sonoras para filmes e teve músicas gravadas por Arrigo Barnabé, Suzana Salles, Cássia Eller. Formado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, formou, na década de 1980, o grupo Hermelino e a Football Music.



| MARCELO PETRAGLIA é músico, compositor e pesquisador de instrumentos, formado pela ECA-USP. Ampliou sua formação na Europa e é, desde 1990, docente e coordenador do Seminário de Pedagogia Antroposófica para Professores Atuantes. Fundou o OuvirAtivo, centro de pesquisa, produção e pedagogia musical.



| MÁRIO MANGA formou-se em composição pela ECA, estudou música e violoncelo, e é guitarrista, violonista e diretor da Tamos Aí, onde se dedica a produções musicais e composições para diversas finalidades. Foi integrante do Premeditando o Breque, grupo que exerceu influência marcante nos anos 70-80 unindo humor e arranjos sofisticados.

FIGURINOS

RONALDO FRAGA graduou-se em estilismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, Estado onde nasceu, e fez pós-graduação na Parson's School of Design, em Nova York (EUA), e na Saint Martins School de Londres, Inglaterra. Em 1996, participou de seu primeiro Phytoervas Fashion, em São Paulo, ganhando, no ano seguinte, o prêmio de estilista revelação do evento. Foi então que lançou sua própria marca, que, após crescente notoriedade, foi convidada a integrar a São Paulo Fashion Week. Hoje Fraga tem um trabalho multipremiado e reconhecido pela profunda inventividade e pela atenção à diversidade biotípica e cultural, além de desenvolver programas de geração de emprego e renda.



ILUMINAÇÃO

DOMINGOS QUINTILIANO, paranaense nascido em 1962, é iluminador consagrado na cena brasileira, conhecido pela parceria constante com o encenador Ulysses Cruz no grupo Boi Voador. Iniciou sua carreira no Centro de Pesquisa Teatral, de Antunes Filho, em 1984. Já foi ator, mas sempre manifestou interesse e aptidão para a iluminação, tendo se tornado iluminador oficial do Boi Voador em 1985. Trabalhou com diretores como Gabriel Villela, Naum Alves de Souza e Fauzi Arap. Em 1999 fez sua primeira incursão em dança, na iluminação de *Bent, o Canto Preso*, de Sandro Borelli. Domingos Quintiliano é ganhador de vários prêmios, incluindo os mais importantes do teatro brasileiro, como Shell, Sharp, APCA e Molière.









GNAWA

Estreia mundial: 2005, Hubbard Street Dance Chicago, Chicago Estreia pela São Paulo Companhia de Dança: 2009, Teatro Sérgio Cardoso, São Paulo

coreografia Nacho Duato

música

Hassan Hakmoun e Adam Rudolph ("Ma'BudAllah", Gift of the Gnawa) Juan Alberto Arteche e Javier Paxarino ("Carauri", Finis Africae)

Rabih Abou-Khalil, Velez, Kusur e Sarkissian ("Window", Nafas)

figurinos

Luis Devota e Modesto Lomba

iluminação Nicolás Fischtel

remontagem

Tony Fabre e Hilde Koch

bailarinos Pas de deux l

Renata Bardazzi e Samuel Kavalerski ou Duda Braz e Ed Louzardo

Conjunto |

Milton Coatti ou Sören Magnus, Rafael Gomes ou Yoshi Suzuki, Felipe Antunes ou Allan Costa, Thamiris Prata ou Michelle Molina, Paula Penachio ou Artemis Bastos, Thaís de Assis ou Fabiana Ikehara, Raphael Panta ou Vitor Rocha, Flávio Everton ou Alexandre Cardoso, Rodolfo Saraiva ou Guilherme Maciel, Irupé Sarmiento ou Aline Campos, Ana Paula Camargo, Williene Sampaio ou Beatriz Hack

ensaiadores

Daniela Stasi e e Lars van Cauwenbergh

organização e produção original Carlos Iturrioz Mediart Producciones SL (Spain)

GNAWA

Gnawa surgiu da pesquisa coreográfica iniciada em *Mediterranea*, de 1992. Este balé havia sido elaborado para a espanhola Compañía Nacional de Danza a convite da Comunidade Valenciana e, para criá-lo, Nacho Duato se inspirou na natureza valenciana, cercada de mar e sol, e em aromas, cores e sabores mediterrâneos. O duo que pontua certas passagens, por exemplo, remete às laranjeiras valencianas e seus frutos e o uso do fogo, aos carnavais dali. Em 2005, quando a Hubbard Street Dance Chicago pede a Nacho uma criação, ele propõe que dancem *Mediterranea*. Mas Jim Vincent, diretor da companhia, quer algo novo, e Nacho Duato passa a trabalhar a partir da música gnawa. A ligação com *Mediterranea* era, porém, muito forte e parte dessa coreografia passa a integrar a segunda metade da nova criação.

Gnawa pode, assim, ser pensada como um desdobramento do interesse desperto por *Mediterranea*, acrescida de certa luminosidade ritualística e de calor extático. Os gnawa constituem uma confraria mística adepta do islamismo. Descendentes de ex-escravos e comerciantes do sul e do centro da África, instalaram-se ao longo dos séculos no norte daquele continente. À religião muçulmana incorporaram tradições tribais de músicas, danças e rituais de cura. Está presente em *Gnawa* o reiterado interesse de Nacho Duato pela gravidade e pelo uso do solo como elementos fundamentais na constituição de sua dança. Mas esse interesse se renova no tom ritualístico que envolve o transe musical que conduz a (e é conduzido pela) movimentação dos corpos. Duato estrutura suas criações de maneira radicalmente musical. Em *Gnawa*, o aspecto a um só tempo austero, solene e muito sensual da dança opera num crescendo que, como acontece também na música, caminha para o êxtase.

COREOGRAFIA

| NACHO DUATO nasceu em Valência, Espanha, em 1957. Em sua formação, que começou aos 18 anos, passou por três importantes escolas: primeiro a Rambert School (em Londres, Inglaterra), depois a Mudra School de Maurice Béjart (em Bruxelas, Bélgica) e por fim a Alvin Ailey American Dance Theater (em Nova York, EUA). Como bailarino, ingressou em 1980 no Cullberg Ballet (em Estocolmo, Suécia) e, em 1981, no Nederlands Dans Theater (em Haia, Holanda). Nesta companhia começou a coreografar em 1983, ano em que *Jardí Tancat*, sua primeira obra, ganhou o prêmio principal no Concurso Coreográfico Internacional de Colônia, Alemanha. Em 1988, juntamente com o diretor artístico Jiří Kylián e Hans Van Manen, tornou-se coreógrafo residente do Nederlands Dans Theater. Desde então, criou obras que lhe renderam um crescente reconhecimento internacional, com prêmios, elogios públicos e a incorporação de suas coreografias ao repertório de algumas das principais companhias do mundo, como Cullberg Ballet, Balé da Ópera de Berlim, Ballet Gulbenkian, Royal Ballet, American Ballet Theatre e Balé da Ópera de Paris. Dirige, desde 1990, a Compañía Nacional de Danza, a principal da Espanha, cargo que ocupará até julho de 2010.



REMONTAGEM

| TONY FABRE, francês de Nantes, iniciou sua formação no Conservatório Nacional da cidade. Em 1981, ingressou no Germinal Casado's Karlsruhe Ballet. Em 1983, foi contratado como solista no Ballet du XXème Siécle de Maurice Béjart. Foi primeiro bailarino do Sadler's Wells Royal Ballet, de Londres, do Basler Ballet, de Basel (Suíça), e da Compañía Nacional de Danza. Hoje atua como assistente coreográfico, remontador e ensaiador, além de codiretor da Compañía Nacional de Danza 2.



| HILDE KOCH nasceu na cidade basca de Donostia. Estudou no Conservatório Superior de Dança dali desde os 9 anos. Completou sua formação na escola do Stuttgart Ballet, onde debutou profissionalmente, sob direção de John Cranko e Márcia Haydée, em 1973. Em 1981, sob direção de William Forsythe, ingressou no Frankfurt Ballet, onde permaneceu por dez anos. Hoje é ensaiadora e remontadora de obras de Nacho Duato e professora independente do estilo de William Forsythe.









A COMPANHIA

Criada pelo Governo do Estado de São Paulo, em janeiro de 2008, a São Paulo Companhia de Dança é um instrumento de produção, difusão e sustentação da arte da dança. Desde seu lançamento, atua em três segmentos: produção e circulação de espetáculos, atividades educativas e registro e memória da dança brasileira. Pouco mais de um ano depois de sua primeira estreia, a Companhia conta com oito coreografias em repertório, percorre o País em turnês, envolve milhares de educadores e estudantes em seus programas de formação, tem dezenas de publicações (documentários, livretos, livro) dedicadas à história e à reflexão sobre a dança, e, com essas e outras ações, cria sua identidade. Uma identidade que reflete o cenário social e cultural em que se insere, como Companhia de um Estado plural e aberto ao novo, mas ao mesmo tempo herdeiro de tradições importantes.

Espetáculos

O repertório da São Paulo Companhia de Dança une obras consagradas e criações exclusivas, como *Polígono* (2008) e *Polígono Revisitado* (recriação 2009), do coreógrafo italiano Alessio Silvestrin, elaborada a partir da *Oferenda Musical* de Bach; *Entreato* (2008), do brasileiro Paulo Caldas, com música original de Sacha Amback, *Ballo* (2009), de Ricardo Scheir sobre música original de André Mehmari e direção de arte de Marcio Aurelio e *Passanoite* (2009), de Daniela Cardim, com músicas de André Mehmari, Mário Manga, Hermelino Neder e Marcelo Petraglia e interpretação do quinteto Quintal Brasileiro. As montagens consagradas do repertório internacional contemplam: *Les Noces* (1923), de Bronislava Nijinska, *Serenade* (1935) e *Tchaikovsky Pas de Deux* (1960), de George Balanchine, e *Gnawa* (2005), do contemporâneo Nacho Duato

Outras realizações

Além de sua programação artística, a Companhia realiza projetos que estimulam o acesso à arte da dança, a formação de público, a preservação da história da dança brasileira e a ampla difusão desta arte:

FIGURAS DA DANÇA | Idealizada por Inês Bogéa e Iracity Cardoso, e dirigida por Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebesco em 2008 e por Inês Bogéa e Sergio Roizenblit em 2009, a série conta com uma dezena de documentários em DVD acompanhados de livreto sobre vida e obra de atores fundamentais da dança brasileira: Ivonice Satie (1950-2008), Ismael Guiser (1927-2008), Penha de Souza, Ady Addor, Marilena Ansaldi, Ruth Rachou, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Tatiana Leskova e Antonio Carlos Cardoso. O projeto difunde a dança brasileira ao grande público pela TV Cultura e aos estudantes, pesquisadores, artistas e interessados que consultam as centenas de cópias acessíveis nas escolas, universidades, instituições culturais e bibliotecas às quais o material é gratuitamente distribuído.

CANTEIRO DE OBRAS | Idealizada por Inês Bogéa e Iracity Cardoso, e dirigida por Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebesco em 2008 e por Inês Bogéa e Sergio Roizenblit em 2009, a série Canteiro de Obras mostra um cuidadoso registro do processo de trabalho da São Paulo Companhia de Dança. O projeto aproxima o público dos bastidores da dança cênica por meio do desenvolvimento da Companhia, percorrendo o trajeto de realizações de cada ano, desde o seu nascimento.

Figuras da Dança e Canteiro de Obras são realizados em parceria com a Fundação Padre Anchieta, a Pipoca Cine Vídeo (2008) e a Miração Filmes (2009).

PUBLICAÇÕES | Tendo como uma de suas metas suscitar uma ampla reflexão a partir da dança, a Companhia publica farto material impresso, tanto aquele direcionado às suas atividades educativas, artísticas e históricas quanto um primeiro volume de 336 páginas editado em parceria com a Imprensa Oficial.

Esta publicação, o livro *Primeira Estação*, reúne textos de Inês Bogéa (também organizadora), Beatriz Cerbino, Ciane Fernandes, Iracity Cardoso, Lilia Moritz Schwarcz, Marcelo Coelho, Modesto Carone, Roberto Gambini, José Possi Neto e Vadim Nikitin – autores com os mais diversos olhares sobre a dança. Entre os artistas gráficos que colaboraram em nossos materiais educativos e de difusão estão Carmela Gross, Alex Cerveny, Laerte, Maria Eugênia, Caco Galhardo, Elisa Bracher, Artur Lescher, Paulo Caruso, Marcelo Cipis, Odilon Moraes, Ionit Zilberman e Marina Saleme.

CORPO A CORPO | Para ampliar o acesso ao universo da dança de maneira ainda mais sólida, a Companhia aposta em atividades de formação. Numa primeira etapa, o programa Corpo a Corpo promove encontros preparatórios com professores e arte-educadores, em que são apresentados com abordagem multidisciplinar temas relativos à dança. Na segunda etapa, os estudantes assistem a ensaios abertos dos espetáculos e participam de conversas e dinâmicas.

E muito mais

A Companhia promove, ainda, oficinas de técnica de balé clássica e Pilates em cidades nas quais se apresenta, dirigidas aos bailarinos locais. Também realiza palestras, encontros e ensaios abertos para grupos de pesquisadores, estudantes, artistas e participantes de projetos sócio-culturais, tanto em sua sede quanto em suas itinerâncias. Oferece, além disso, apresentações gratuitas para estudantes de todas as idades ao longo de sua programação, inclusive em turnês.

Parcerias

Com o intuito de gerar cooperação e unir esforços pelo fortalecimento da dança, a São Paulo Companhia de Dança firmou parceria com quatro apoiadores fundamentais:

Capezio Brasil. Braço nacional de um dos maiores fabricantes mundiais de artigos para dança, a Capezio apoia a São Paulo Companhia de Dança des-

de seu lançamento com o fornecimento de sapatilhas para seus ensaios e espetáculos. Fundada em 1975, a empresa se destaca como um dos maiores e mais conceituados fabricantes de artigos para dança, fitness e natação do Brasil e exporta seus produtos para os consumidores mais exigentes de várias partes do mundo.

VitaCare. O Vita Care oferece à Companhia atendimento médico terapêutico e preventivo desde 2008. O foco da clínica é qualidade de vida e bemestar e, por meio da OSCIP Vita Care, desenvolve também pesquisa de ponta em medicina esportiva. O projeto surgiu em 2002 por iniciativa dos médicos ortopedistas que, devido especialmente à participação em pesquisas internacionais, constataram a necessidade de aprimorar o atendimento a atletas e artistas da dança. O Vita Care dispõe de uma equipe altamente especializada de médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e até psicólogos, empregando métodos de diagnóstico e exames inovadores graças ao uso de tecnologias que antes eram de uso exclusivo de universidades.

Fundação Padre Anchieta. A Fundação, além de oferecer parceria na produção de séries de documentários, dá suporte a ações educativas da Companhia pela cessão de espaço e de materiais de pesquisa.

Instituto Alfa de Cultura. A Companhia é participante da Temporada de Danca do Teatro Alfa.



Direção



| IRACITY CARDOSO (diretora, 1945) trabalhou como assessora e curadora de dança na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (2006-2007), no Departamento de Expansão Cultural (DEC) e no Centro Cultural São Paulo. Criou o Centro de Dança da Galeria Olido. Foi diretora artística do Ballet Gulbenkian (Portugal, 1996-2003); codiretora (1988-1993), assistente de direção e bailarina (1980-1988) do Ballet du Grand Thêatre de Genève (Suíça). Participou da transformação do Corpo de Baile Municipal de São Paulo (1974-1980). Foi bailarina e professora do Ballet Stagium (1972-1974), bailarina do Staats Theater Karlsruhe (Alemanha, 1966-1967), do Stadt Theater Bonn (1965-1966) e da Opéra de Marseille (França, 1964). Professora do Teatro de Dança Galpão (1975), participou como bailarina de gravações para a Television Suisse Romande de criações de Oscar Araiz para o Ballet de Genève. Na TV Cultura de São Paulo, atuou como bailarina das gravações do repertório do Corpo de Baile Municipal de São Paulo.



INÊS BOGÉA (diretora, 1965), doutora em artes (Unicamp, 2007), é professora no Curso de Formação de Professores e Educadores Sociais em Arte do Centro Universitário Maria Antônia – USP. Foi consultora de dança do programa Fábricas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura. Foi bailarina do Grupo Corpo (1989-2001). Escreveu sobre dança para o jornal Folha de S.Paulo de 2000 a 2007 e é autora de O Livro da Dança (Companhia das Letrinhas, 2002) e Contos do Balé (Cosac Naify, 2007). Organizou os livros Oito ou Nove Ensaios Sobre o Grupo Corpo (Cosac Naify, 2001), Kazuo Ohno (Cosac Naify, 2002), Espaco e Corpo – Guia de Reeducação do Movimento – Ivaldo Bertazzo (Sesc, 2004), entre outros. Ao lado de Ivaldo Bertazzo, foi assistente de direção do Projeto Dança Comunidade (2005-2006), realizando o espetáculo Milágrimas, e codiretora do projeto Cidadança (2006-2007), realizando Tudo o Que Gira Parece a Felicidade. Foi consultora da Escola Fafi de Teatro e Dança (Vitória, 2003-2004) e curadora do Festival Cultura Inglesa (2006-2007). É coautora, com Sergio Roizenblit, dos documentários Movimento Expressivo – Klauss Vianna (Miração Filmes e Crisantempo, 2005), Renée Gumiel, a Vida na Pele (DOCTVII, 2005) e Maria Duschenes – o Espaço do Movimento (Prêmio Funarte Klauss Vianna, 2006).

Artista convidado

| MARINA SALEME (1962) é paulistana, e licenciou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1982. No mesmo ano, realizou sua primeira exposição, iniciando uma sólida carreira que inclui mostras em alguns dos principais espaços expositivos do país, como MAM, Galeria Luisa Strina (que a representa), MAC e Pinacoteca do Estado, além de países europeus e americanos. A artista tem obras em coleções públicas tais como Casa do Brasil em Madrid, Espanha, Embaixada do Brasil em Roma, Itália, Instituto Cultural Itaú, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Pinacoteca do Estado de São Paulo. Avessa a fórmulas e ao fascínio pictórico gratuito, Saleme baseia sua pesquisa artística em um incessante questionamento conceitual e formal, que se reflete na multiplicidade de materiais e suportes que utiliza: pintura, desenho, recortes, papel, fotos, interferências em paredes. Quanto à temática, seu trabalho opera um interessante diálogo entre figuração e abstração, com obras que são ao mesmo tempo a instauração de sua própria realidade e um olhar sobre o mundo.



Ensaiadores

LARS VAN CAUWENBERGH (1970) nasceu na Antuérpia, Bélgica, e se formou na Escola Superior de Dança. Aos 17 anos ingressou no Royal Ballet de Flanders, onde se tornou primeiro bailarino aos 18 anos. Atuou no English National Ballet e no Ballet der Stadtstheater Wiesbaden. Entre as companhias onde se apresentou como convidado estão Theatre du Capitole Toulouse, Paris Opéra, La Scala Milano, Deustche Oper Berlin, Ballet de L'Opéra de Nice e Theater der Stadt Bonn. Dançou os principais papéis em obras de Balanchine, Kylián, Béjart, Bournonville, Nureyev, Schaufuss, Prokovsky, entre outros. Depois de encerrar carreira de bailarino, passou a lecionar nas principais companhias da Europa. Foi assistente de direção da Cia. de Dança Palácio das Artes, em Belo Horizonte.



| DANIELA STASI (1960), nascida em Salvador, formou-se em dança na Universidade de Salvador, em Dance Movement Therapy na New York University e no método Pilates na Pilates Studio. Foi bailarina do Balé da Cidade de São Paulo (1981-1983) e da Martha Graham Dance Company (1985-1993). No Brasil, trabalhou com Maria Duschenes, Klauss Vianna, Ruth Rachou, entre outros. Já atuou como professora no Balé da Cidade de São Paulo e no Centro Cultural São Paulo.



Bailarinos

ADRIANA AMORIM (1982) é mineira de Montes Claros e começou sua formação em sua cidade natal, aos 8 anos, no Balé de Câmara, seguindo depois para Ribeirão Preto (SP), onde estudou no Grupo FINAC, com Renata Celidonio e Patty Brown. Adriana integrou a Sesi Minas Cia. de Dança, em Belo Horizonte, e a Riscas Cia. de Dança, de Edson Fernandes.



ALINE CAMPOS (1985), carioca, começou seus estudos aos 11 anos com Jorge Teixeira, no Grupo Thalhe. Já dançou, entre outras companhias, no Ballet da Cidade de Niterói e na Companhia Nacional de Bailado, em Lisboa, Portugal, sob direção de Memeth Balkan. Integrou, até 2006, a Companhia de Dança de São José dos Campos (SP).



AMANDA SOARES (1987) nasceu no Rio de Janeiro e formou-se na Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, em 2006. Participou das montagens no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 2005 e 2006. Em 2006, fez estágio na Cia. DeAnima Ballet Contemporâneo, com direção de Roberto de Oliveira e Richard Cragun. Foi bailarina da Cia. de Dança de São José dos Campos, em 2006 e 2007.



AMMANDA ROSA (1990) nasceu em São Paulo e aos 8 anos começou seus estudos de dança na Escola Municipal de Bailado. Em 2007, formou-se na Especial Academia de Ballet em balé clássico de repertório e contemporâneo. Foi premiada em Joinville e Nova York (YAGP) e diplomada solista pela Royal Academy of Dance de Londres, em 2007.



ANA PAULA CAMARGO (1986) iniciou sua formação na Escola Municipal de Bailado de Ourinhos (SP). Integrou, desde 2002, o Balé Teatro Guaíra, de Curitiba (PR). Ana Paula vem de uma família de artistas – seus dois irmãos também são bailarinos – e já teve contato com outros estilos de dança, incluindo dança contemporânea, flamenco e dancas folclóricas.





ARTEMIS BASTOS (1983) nasceu em São Paulo. Iniciou seus estudos em balé clássico aos 6 anos, na Cadência Ballet, em Rio Claro (SP), dando continuidade no Camilla Ballet, em São Paulo. De 2002 a 2004, integrou a Companhia Estável do Elenco Promodança, onde foi primeira bailarina sênior. Participou como convidada da Mostra de Danças Clássicas, do Centro Cultural de São Paulo (CCSP), em 2003 e 2006.



BEATRIZ HACK (1988) nasceu em São Paulo. Começou seus estudos aos 10 anos com Paula Firetti, formando-se em 2005. Também foi aluna da Escola Municipal de Bailado de São Paulo e da Especial Academia de Ballet. Em 2007 foi convidada a integrar o Ballet Clasico y Moderno de La Ciudad de Asunción, no Paraguai.



CAROLINA AMARES (1984), fluminense de Niterói, começou a dançar jazz aos 11 anos na Academia Rose Mansur, em sua cidade natal. Aos 17, estudou na Escola de Dança Myriam Camargo. Aos 18, ingressou na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. De 2004 a 2006, integrou o DeAnima Ballet Contemporâneo. E, de 2006 a 2008, dançou na Cia. de Dança Deborah Colker.



DAIANE CAMARGO (1987) é paulista de Ourinhos (SP) e iniciou sua formação aos 7 anos, na Escola Municipal de Bailado daquela cidade, indo em seguida para a Escola de Danças Teatro Guaíra. Formada em dança pela Faculdade de Artes do Paraná, Daiane atuou por três anos no Balé Teatro Guaíra.



DUDA BRAZ (1978), paulistana, formada pela Escola Municipal de Bailado de São Paulo, é bailarina premiada e já participou de festivais em seis países. Integrou o elenco do Grupo Raça Cia. de Dança, de 2003 a 2004. Graduada em artes, Duda também estudou piano por três anos, além de ter dado aulas de balé no Studio de Danças do Recife, onde morou durante alguns anos.

FABIANA IKEHARA (1990), paulistana, iniciou seus estudos com Paula Firetti, aos 3 anos, e se formou aos 17 na Escola Municipal de Bailado. Premiada nos festivais de Joinville e Brasília, dançou na Companhia Estável Promodanca de 2004 a 2008.

FABYANNA NEMETH (1981) começou sua formação aos 8 anos, na Escola Municipal de Bailado de São Paulo, cidade onde nasceu. Estudou também no Ballet Halina Biernacka, no Studio 3 Espaço de Dança e no Cleveland San Jose Ballet (Cleveland, EUA). Foi bailarina da Especial Cia. de Danças Clássicas, Zest Cia. de Danças e Cia. de Dança de São José dos Campos.

IRUPÉ SARMIENTO (1984) nasceu em Salta (Argentina) e estuda dança desde os 10 anos. Em 1999, aperfeiçou-se no American Ballet Theatre Studio Company, em Nova York. Prosseguiu sua formação na Oficina de Dança Contemporânea do Teatro San Martín, em Buenos Aires, onde dançou até 2004. Estudou, entre outros, com Hector Zaraspe, Ilse Weidman, Mario Galizzi e Norma Binaghi.

LUIZA LOPES (1990) nasceu em São Paulo e formou-se na Escola Municipal de Bailado. De 2003 a 2006, teve aulas no Núcleo de Dança Nice Leite – Ilara Lopes. Premiada em festivais e diplomada pela Royal Academy of Dance de São Paulo, obteve em 2006 bolsa para cursar a Royal Ballet School e a English National Ballet School, ambas em Londres, de onde voltou em 2008 para integrar a São Paulo Companhia de Dança.

MICHELLE MOLINA (1983), nascida em São Paulo, iniciou aulas de dança aos 5 anos. Em 1996, ingressou na Escola Municipal de Bailado de São Paulo, onde se formou em 2001. Foi aluna de Tony Abbott, Miti Warangae, Aracy de Almeida, Ruth Rachou, Ibis Montoto, Ruben Terranova, entre outros. Integrou o Corpo de Baile Jovem do Esi Dancers e da Company Ballet.













MORGANA CAPPELLARI (1990) é curitibana e iniciou sua formação aos 8 anos, na Escola de Dança do Teatro Guaíra. Em 2004, após seleção feita no Youth America Grand Prix, Morgana passou a cursar o Harid Conservatory (Flórida, EUA), onde se formou em 2008. Morgana também foi bolsista do American Ballet Theatre (Nova York, EUA).



PATRÍCIA BRANDÃO (1989) estuda balé desde os 10 anos. Estudou com Ronaldo Martins, Heron Nobre, Márcia Simone, Diego López, Mônica Ballalai, Ricardo Rivas, entre outros. Também apaixonada por música, estudou seis anos de canto coral, quatro anos de teoria musical, três de violino e outros dois de piano.



PAULA PENACHIO (1986) nasceu em São Bernardo do Campo (SP) e começou seus estudos aos 7 anos, no Kleine Szene Studio de Dança. Premiada em diversos festivais como o Festival de Dança de Joinville (maior nota e melhor bailarina), integrou a Companhia de Dança de Santo André, a Especial Cia. de Danças Clássicas e a Companhia de Dança de São José dos Campos.



RENATA BARDAZZI (1985) nasceu em Mogi das Cruzes (SP) e começou sua formação aos 5 anos. Foi aluna do Studio Márcia Belarmino, em Suzano (SP). Em 2003, foi para a Alemanha, onde deu continuidade a seus estudos na Universidade de Dança Palucca Schule. Integrou de 2005 a 2007 a Cisne Negro Cia. de Dança.



ROSELI ZANARDO (1983), natural de Ribeirão Preto, iniciou seus estudos em balé aos 4 anos. Formou-se em 2001 pelo Studio de Dança Luciana Junqueira. Foram seus professores, entre outros: Toshie Kobayashi, Luis Arrieta, Roseli Rodrigues, Ludmila Polonskaya. Trabalhou com o coreógrafo alemão Olav Schimt. Atuou na Cia. Portuguesa de Bailado Contemporâneo em Lisboa.

THAÍS DE ASSIS (1985) iniciou sua formação na Escola Municipal de Bailado de São Paulo. Estudou com Tony Abbott, integrou o Corpo de Baile Jovem e a Especial Companhia de Danças Clássicas, ligada à Especial Academia de Ballet. Premiada em Joinville, dançou como convidada, em 2002, da Mostra de Dança Clássica do Centro Cultural São Paulo.



THAMIRIS PRATA (1987) é paulista de Santos onde se formou na Escola Municipal de Bailado. Está concluindo seu bacharelado em educação física e já dançou no Balé da Cidade de Santos e na Cisne Negro Cia. de Dança. Ganhou medalha de ouro no Festival de Dança de Joinville e participou do festival Youth America Grand Prix, em Nova York.



WILLIENE SAMPAIO (1985) começou sua formação aos 5 anos, em Goiânia (GO), sua cidade natal. Primeiro lugar em Joinville e bem colocada no Youth America Grand Prix de Nova York, já atuou no Studio Company do Washington Ballet e no Studio Dançarte, além do Centro Cultural Gustav Ritter, sua primeira escola.







ALEXANDRE CARDOSO (1987), paraense de Belém, iniciou seus estudos em dança aos 10 anos, em um projeto social. Formou-se pela Royal Academy of Dance e, em 2006, ganhou uma bolsa de estudos na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Teve como principais mestres: Ana Unger, Amarildo Cassiano, Ludmila Polonskaya e Nikolay Akchurin.



ALLAN COSTA (1991) nasceu em Santo André (SP). Teve aulas de balé, jazz e sapateado no Instituto de Artes Coreográficas de Santo André. Foi aluno da Escola de Ballet Toshie Kobayashi e de Roseli Rodrigues. Atuou por dois anos na Cisne Negro Cia. de Dança.



DIEGO MEJÍA NEVES (1981) nasceu em Quito, Equador, e foi criado no Rio Grande do Sul onde teve uma formação eclética, que começou no teatro e nas artes visuais. Na dança, teve como professores Daniela de Souza, Dicléia Ferreira, Regina Sauer, Eleonora Oliosi, Ludmila Polonskaya, Jair Morais, Márcia de Castro e Boris Storojkov. Já atuou no DeAnima Ballet Contemporâneo e no Balé Teatro Guaíra.



ED LOUZARDO (1985) nasceu em uma comunidade ribeirinha de Belém do Pará e iniciou seu contato com a dança aos 11 anos em um projeto social local. Começou sua formação clássica pela Royal Academy of Dance, passando em seguida pela Escola de Danças Clara Pinto e formando-se com Ana Unger, em cuja companhia iniciou sua carreira. Foi solista na Companhia Brasileira de Danças Clássicas de São Paulo.



FELIPE ANTUNES (1985) nasceu no Rio de Janeiro e começou a estudar balé aos 13 anos, no Grupo Cultural de Dança – Ilha, prosseguindo depois na Escola Estadual de Dança Maria Olenewa. Formou-se na London Studio Centre, dançou no Ballet Jovem do Rio de Janeiro, na DeAnima Ballet Contemporâneo, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na Companhia de Dança de São José dos Campos e também na K-Ballet Company, em Tóquio, Japão.

FERNANDO PALMA (1990), natural de São Manuel (SP), teve seu primeiro contato com a dança em 2003. Em Campinas (SP), formou-se pela Academia de Ballet Lina Penteado, onde integrou a Cia de Dança Lina Penteado, sob direção de Luciana Checchia. Premiado em festivais brasileiros, teve como principais professores Ana Lúcia Ferraz e Maria Sílvia de Gennaro.



FLÁVIO EVERTON (1989), paulistano, começou seus estudos de dança aos 10 anos com Tatiana Pereira e depois com Ricardo Scheir, no Pavilhão D Centro de Artes, onde também estudou dança contemporânea com Andrea Pivatto. Premiado como revelação e maior nota no Festival de Dança de Joinville de 2002, Flávio foi também altamente graduado em exames da Royal Academy of Dance. Foi solista na Companhia de Danca de São José dos Campos (SP).



GUILHERME MACIEL (1989) é paulistano e passou pelo Ballet Adriana Assaf, Studio de Dança Viva Ballet, Raça Centro de Artes, entre outros. Recebeu bolsas para estudar nas importantes escolas norte-americanas The Harid Conservatory, na Flórida, Houston Ballet, no Texas, e American Ballet Theatre Studio Company, em Nova York. Foi premiado em 2006 e 2008 com o terceiro lugar no Youth America Grand Prix, em Nova York.



HEBERT CAETANO (1979) é natural de Brasília. Estuda dança desde os 10 anos, tendo se formado com Beth Dorça, em Uberaba (MG). Trabalhou com profissionais como Alexande Vladimiranovich Valouev, Tíndaro Silvano, Daniela Stasi, José Possi Neto, Guivalde de Almeida, Boris Storjkov, Ludmila Polonskaya, Suzana Mafra e Jorge Garcia. Além de experiência nacional e internacional como bailarino, atuou como professor e coreógrafo.



MARCELO GERMANO (1982) começou sua carreira artística no Agnes Ballet da Cidade de Santo André, cidade onde nasceu. Em 2002, ingressou no Esi. Dancers da Cidade de São Paulo. Com essa companhia, dançou vários papéis de destaque da dança clássica. Em janeiro de 2004, integrou como solista o Cisne Negro Cia. de Dança.





MILTON COATTI (1981) iniciou sua formação em dança aos 16 anos, com Nilson Rodrigues. Já integrou a Cisne Negro Cia. de Dança, a Siameses, a J.Garcia & Cia. e a Companhia de Danças de Diadema, além de estagiar na Cia. Deborah Colker. Atua desde 2004 como artista independente e recebeu prêmios como bailarino e coreógrafo. Em 2006 realizou o solo Alguém pra Chamar de Meu Bem, em O Masculino na Dança (CCSP).



RAFAEL GOMES (1986) nasceu no Rio de Janeiro e iniciou seus estudos em dança aos 13 anos no Centro de Dança Rio, onde se formou em 2002. Fez parte do elenco da Companhia Jovem de Ballet do Rio de Janeiro e integrou a Cia. de Dança Deborah Colker, apresentando-se no Brasil e no exterior.



RAPHAEL PANTA ((1984) nasceu em São Paulo, mas iniciou seus estudos da dança em Londrina (PR), na Escola Municipal de Dança. Mais tarde aperfeiçoou-se na cidade de Ourinhos, na Escola Municipal de Bailados. Voltou a São Paulo para integrar a Cisne Negro Cia. de Dança.



RODOLFO SARAIVA (1986) nasceu no Rio de Janeiro e iniciou sua formação na Rhitmus Centro de Artes e Movimento. Estudou balé clássico com Silvana Andrade. Já atuou na Laso Cia. de Dança, de Carlos Laerte, e nas companhias do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e do Teatro Municipal de Niterói.



SAMUEL KAVALERSKI (1983) iniciou sua formação em dança aos 12 anos em Francisco Beltrão (PR), sua cidade natal. Foi bailarino do Balé Teatro Guaíra e da Quasar Cia. de Dança, em Goiânia (GO). É também artista visual graduado e webdesigner.

SÖREN MAGNUS (1981) nasceu na Alemanha e estuda dança desde os 4 anos. Passou um ano na Hannoverische Staatshochschule für Musik und Tanz e concluiu seus estudos no Australian Ballet School. Trabalhou com os coreógrafos John Neumeier, Pierre Wyss, Gunther Falussy e, no Brasil desde 2000, passou pelo Ballet Stagium e Cisne Negro Cia. de Dança.



VITOR ROCHA (1989) nasceu no Brasil, mas viveu grande parte da infância e adolescência nos Estados Unidos. Estudou no LaGuardia High School of Music & Art and Performing Art, de 2003 a 2007. Também foi aluno da School of American Ballet entre 2004 e 2007. Em 2007 e 2008, fez aulas no American Ballet Theater School. Entre seus professores estão Jock Soto, Peter Martins, Sean Lavery, Nikoj Hubbe, Deborah Zall. Voltou ao Brasil no início de 2009.



YOSHI SUZUKI (1989) nasceu em Ribeirão Preto e estudou com Carla Petroni, Ricardo Scheir, Toshie Kobayashi, Jair Moraes, Henrique Talmah, Jorge Teixeira, entre outros. Premiado em festivais, como o Festival de Joinville (melhor bailarino) e o Danzamerica, na Argentina, integrou a Companhia de Dança de São José dos Campos, sob direção de Ricardo Scheir.





Ensaio da companhia | foto: Reginaldo Azevedo





SÃO PAULO COMPANHIA DE **DANÇA**

DIRECÃO **Iracity Cardoso** Inês Bogéa

EOUIPE DE ENSAIO Ensaiador | Professor Lars van Cauwenbergh Ensaiadora | Professora

Daniela Stasi Assistente Musical | Pianista

Leandro Setra

BAILARINOS

Adriana Amorim, Alexandre Cardoso, Aline Campos, Allan Costa, Amanda Soares, Ammanda Rosa, Ana Paula Camargo, Artemis Bastos, Beatriz Cenotécnico Hack, Carolina Amares, Daiane Camargo, Diego Mejía Neves, Duda Braz, Ed Louzardo, Fabiana Ikehara, Fabvanna Nemeth, Felipe Antunes, Fernando Palma, Flávio Everton, Guilherme Maciel, Hebert Caetano, Irupé Sarmiento, Luiza Lopes, Marcelo Germano, Michelle Molina, Milton Coatti, Morgana Cappellari, Patrícia Brandão, Paula Penachio, Rafael Gomes, Raphael Panta, Renata Bardazzi, Rodolfo Saraiva, Roseli Zanardo, Samuel Kavalerski, Sören Magnus, Thaís de Assis, Thamiris Prata, Vitor Rocha, Williene Sampaio, Yoshi Suzuki

EOUIPE DE PRODUÇÃO Coordenador de Produção e Turnê Luca Baldovino Produtora Executiva Mirtes Mesquita Produtora Sandra Lacal Stela Leite

FOUIPE DE FDUCATIVO E MEMÓRIA

Coordenadora

Flávia Fontes Oliveira

Comunicação

Marcela Benyegnu Audiovisual

Charles Lima

Relações-públicas

Franceschina Vilardo

Assistente de produção

André Lucena Renata Amaral

Arquivista

Arani Arduini

EOUIPE TÉCNICA Chefe de Palco

Samir Khan Técnico de Luz

Cristiano Pedott

Vinícius Simões

Encarregada de Guarda-roupa

Inês Crepaldi

Costureiras/Camareiras

Vera Lúcia Pereira Elizabete Roque

FOUIPF ADMINISTRATIVA

Coordenadora Administrativo-

Financeira

Sílvia Kawata

Assessora Financeira

Mônica Takeda

Assessora Administrativa

Cristiane de Oliveira Aureliano

Assistente Financeiro

Eduardo Bernardes da Silva

Assistente Administrativo

Marli Bispo de Oliveira

Bismarque Muniz

Auxiliar Administrativo

Rosely Lima

Secretaria de Direção

Zélia de Góes

Recepcionista

Edileusa Lopes Gomes

Auxiliares de Servicos Gerais

Denílson Anselmo Laurindo Kelly Cristiane Conceição Maria da Conçolação Campos

Neide dos Santos Nerv

COLABORADORES

Assessora de Comunicação

Marcy Junqueira

Professores Convidados

Alphonse Poulin

Boris Storoikov

Léa Havas

Luis Arrieta

Assistente de luz

Guilherme Paterno Técnico de Som

André Salmerón

Terapia Corporal

Crystal Vista Terapia Holística TRF Serviços de Fisioterapia

Pianista convidada

Rosely Ezequiel

Designers

Maria Cristaldi

Mayumi Okuyama

Consultoria Jurídica

Maciel, Fernandes e Basso

Advogados

Hanna, Falavigna, Mannrich,

Senra e Vasconcelos

Advogados

Contratos Internacionais

Olivieri & Signorelli Advocacia

Website

Estudio F.O.M.A.

Revisão de textos

Daniela Lima

APOIO

VitaCare Medicina Esportiva e Capezio

CRÉDITOS I foto dos bailarinos

André Porto, Eduardo de Castro, João Caldas, Rafael Gomes,

Reginaldo Azevedo

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOSÉ SERRA

Governador do Estado

JOÃO SAYAD

Secretário de Estado da Cultura

RONALDO BIANCHI

Secretário Adjunto

SERGIO TIEZZI

Chefe de Gabinete

CARLA ALMEIDA CARVALHO

Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

A S S A O C | Associação Amigos das Oficinas

Culturais do Estado de São Paulo

LORENZO MAMMÌ

Diretor Executivo

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

IRACITY CARDOSO

Diretora

INÊS BOGÉA

Diretora

REALIZAÇÃO

APOIO













PATROCÍNIO TEATRO ALFA



















